

# CADMO

---

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

30



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA  
2021



**CADMO**

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY



**CADMO**  
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

**30**

**Editor Principal | Editor-in-chief**  
Nuno Simões Rodrigues



Centro de História da Universidade de Lisboa

2021



**CADMO**  
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

**Editor Principal | Editor-in-chief**  
Nuno Simões Rodrigues

**Editores Adjuntos | Co-editors**

Agnês García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa).

**Assistentes de Edição | Editorial Assistants**

Bruno dos Santos, Catarina Pinto Fernandes, Joana Pinto Salvador Costa, Maria de Fátima Rosa, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

**Revisão Editorial | Copy-Editing**

Bruno dos Santos, Joana Pinto Salvador Costa, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

**Redacção | Redactional Committee**

Abraham I. Fernández Pichel (Universidade de Lisboa), Agnês García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Ana Catarina Almeida (Universidade de Lisboa), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elsa de Sousa (Universidade de Lisboa), Francisco Borrego Gallardo (Universidad Autónoma de Madrid), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), José das Candeias Sales (Universidade Alberta), Loïc Borgies (Université Libre de Bruxelles), Maria Ana Valdez (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (Universidade de Coimbra) Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa), Rogério de Sousa (Universidade de Lisboa), Saana Svärd (University of Helsinki), Susan Deacy (University of Roehampton), Suzana Schwartz (Universidade de São Paulo), Telo Ferreira Canhão (Universidade de Lisboa).

**Comissão Científica | Editorial and Scientific Board**

Antonio Laprieno (Jacobs University Bremen), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano), Giulia Sissa, (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Trebolle (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico).

**Conselho de Arbitragem para o presente número | Peer reviewers for the current issue**

Agnês García-Ventura (Universitat de Barcelona), Armando Bramanti (CCHS-CSIC), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Catarina Viegas (Universidade de Lisboa), Dávid Bartus (Eötvös Loránd University), David Hernandez de la Fuente (Universidad Complutense de Madrid), Delfim Ferreira Leão (Universidade de Coimbra), Giuseppe Minunno (Università di Genova / Università di Firenze), Gustavo Alberto Vivas García (Universidad de La Laguna), José Luís Brandão (Universidade de Coimbra), Jean-Pierre Levet (Université de Limoges), Juan Luis Montero Fenollós (Universidad de Coruña), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Mireia López-Bertran (Universitat de València), Pedro Albuquerque (Universidade de Lisboa), Ricardo Duarte (Universidade de Lisboa), Roberto Nardi (Centro di Conservazione Archeologica).

**Editora | Publisher**

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2021

**Concepção Gráfica | Graphic Design**

Bruno Fernandes

**Periodicidade:** Anual

**ISSN:** 0871-9527

**eISSN:** 2183-7937

**Depósito Legal:** 54539/92

**Tiragem:** 150 exemplares

**P.V.P.:** €15.00

**Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History**

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon  
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon  
Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL  
Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extensão: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63  
cadmo.journal@letras.ulisboa.pt | www.centrodehistoria-flul.com/cadmo



UNIVERSIDADE  
DE LISBOA



This work is funded by national funds through FCT – Foundation for Science and Technology under project UIDB/04311/2020 e UIDP/04311/2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

# SUMÁRIO

## TABLE OF CONTENTS

### 09 AUTORES CONVIDADOS

#### GUEST ESSAYS

- 11 UN RILIEVO DALLA TOMBA MENFITA DI PTAHMES E LE TRATTATIVE FALLITE  
PER LA VENDITA A LEOPOLDO II DELLA TERZA COLLEZIONE NIZZOLI  
*A RELIEF FROM THE MEMPHITE TOMB OF PTAHMES AND THE FAILED  
NEGOTIATIONS FOR THE SALE OF THE THIRD NIZZOLI COLLECTION TO LEOPOLD II*  
Daniela Picchi
- 39 OS EPIGRAMAS FÚNEBRES DE GREGÓRIO DE NAZIANZA  
Da Klea Andron à Arete Cristã  
*THE FUNERAL EPIGRAMS OF GREGORY OF NAZIANZUS  
From Klea Andron to Christian Arete*  
Rita Codá

### 51 ESTUDOS

#### ARTICLES

- 53 O ESCORPIÃO COMO ANTIGA MANIFESTAÇÃO DIVINA  
NA MESOPOTÂMIA:  
A sua presença na glíptica do Diyala (c. 3150-2340 a.C.)  
*THE SCORPION AS AN ANCIENT DIVINE MANIFESTATION IN MESOPOTAMIA:  
Its presence in the Diyala glyptic (c. 3150-2340 a.C.)*  
Vera Gonçalves e Isabel Gomes de Almeida
- 81 OS CITAS NAS HISTÓRIAS DE HERÓDOTO:  
Identidade e nomoi  
*THE SCYTHIAN IN HERODOTUS STORIES:  
Identity and nomoi*  
Rui Tavares de Faria
- 105 LA INCORPORACIÓN DEL ELEFANTE DE GUERRA EN CARTAGO  
*THE INCORPORATION OF THE WAR ELEPHANT IN CARTHAGE*  
José Luis Alejo Martínez

- 123 STOICISM IN POWER:  
Nero and his reflective enigmas  
*ESTOICISMO NO PODER:  
Nero e os seus enigmas reflexivos*  
Carlotta Montagna
- 141 L'HYMNE ORPHIQUE À APOLLŌN  
ET LA DATATION DES HYMNES ORPHIQUES:  
Considérations archéoastronomiques et comparaisons égyptologiques  
*THE ORPHIC HYMN TO APOLLO AND THE DATING OF THE ORPHIC HYMNS:  
Archaeoastronomical considerations and egyptological comparisons*  
Alicia Maravelia
- 191 CONTRIBUTION À LA CONNAISSANCE DE LA VILLE DE THALA NUMIDE:  
Contexte géo-historique  
*CONTRIBUTION TO THE KNOWLEDGE OF THE NUMIDIAN CITY OF THALA:  
Geo-historical context*  
Ouiza Ait Amara

**217 NOTAS E COMENTÁRIOS**  
*COMMENTS AND ESSAYS*

**221 RECENSÕES**  
*REVIEWS*

**283 IN MEMORIAM**

**289 POLÍTICAS EDITORIAIS E NORMAS DE SUBMISSÃO**  
*JOURNAL POLICIES AND STYLE GUIDELINES*



**RECENSÕES**  
REVIEWS

rigoroso e historicamente correcto o que lemos na primeira carta de São Paulo aos Coríntios acerca do uso do véu por parte das mulheres cristãs do tempo (*1Cor* 11.2-6). Apesar do extenso aparato bibliográfico, que sustenta de modo ímpar toda a investigação, porém, não podemos deixar de manifestar a nossa estranheza ao não encontrar o nome de L. Llewellyn-Jones entre os autores citados. Llewellyn-Jones é hoje dos investigadores mais conceituados no que à história do traje antigo diz respeito e um dos seus livros de referência é precisamente sobre o uso do véu na Antiguidade Grega: *Aphrodite's Tortoise: The Veiled Woman of Ancient Greece* (2003).

O livro encerra com um útil excursão final («The Female Figure in the Epic Tradition», pp. 320-329), no qual o A. estuda o sentido e explora o significado de expressões e frases que na epopeia grega pretendem definir a beleza feminina.

Os índices finais são de importância capital para o uso de investigadores e cabe-nos salientar, uma vez mais, a originalidade do tema e da investigação que encontramos neste livro. É essa mesma originalidade que preside ao conceito da capa desta edição, preenchida por um apelativo desenho de Daniel R. Drewes.

**Nuno Simões Rodrigues**

*CH/CEC, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa  
CECH- Universidade de Coimbra*

**R. M. ROSEN and H. P. FOLEY eds.** (2020), *Aristophanes and Politics. New Studies* (Columbia Studies in the Classical Tradition), Leiden/Boston, Brill, 278 pp. ISBN 978-90-04-42445-6 (112.00€).

Embora o tema da política em Aristófanos, no sentido estrito de “the ways in which fifth-century BCE Athens self-consciously organized itself as a society, how it interacted with other cities and societies, or what ideologies informed its civic values” (1), tenha dado origem, ao longo do tempo, a uma vasta e valiosa bibliografia, a sua própria importância e transversalidade é estimulante para que novos estudos surjam. É o caso deste volume de 2020, coordenado por dois nomes de referência, que inclui onze estudos de investigadores também eles de primeiro plano na matéria. Predominam as abordagens de conjunto, embora alguns capítulos se debrucem sobre determinadas peças em particular, de acordo com a sua índole específica, caso de *Babilónios*, *Acar-nenses*, *Cavaleiros* e *Aves*.

Os dois primeiros capítulos – Ralph Rosen, “Prolegomena: Accessing and Understanding Aristophanic Politics”, e Robin Osborne, “Politics and Laughter: the Case of Aristophanes’ *Knights*” – regressam a uma bem conhecida controvérsia sobre a possível relação entre o pensamento político de Aristófanos e a abordagem cômica que produz do tema. Naturalmente que questionar a ideologia do poeta comporta muitas fragilidades condicionantes do nosso conhecimento, que impedem afirmações seguras ou até mesmo pertinentes, além da sempre discutível interação entre autor e obra criada. Há que reconhecer, porém, que os dois estudos são cautelosos relativamente aos resultados obtidos. Por outro lado, questionar de novo as peças pode ser sempre uma forma de perceber o porquê das posições adotadas, sem incorrer nunca na imprudência de considerar a produção de Aristófanos



uma espécie de panfleto político, destinado a publicitar uma determinada ideologia. Que um público específico, a sua experiência e expectativas, sejam também fatores decisivos é prudentemente reconhecido por ambos os comentadores, além da valorização feita por Rosen do contexto político em que os próprios festivais decorriam e eram promovidos. Sem que essa afirmação impeça qualquer um dos dois autores de se valer de satiristas nossos contemporâneos na busca de traços elementares – e permanentes – na identidade do gênero. Rosen usa, para a sua reflexão, uma estratégia original: o depoimento de um comediógrafo dos nossos dias, o americano Jon Stewart, prestado numa entrevista à Fox News, em 2011. Mesmo se sugestiva, esta intervenção envolve todos os riscos próprios do anacronismo. Sem dúvida este tipo de conversa pode ser o simulacro de uma entrevista impossível com Aristófanes. Mas será que uma indagação junto do comediógrafo grego do séc. V a.C. lhe poderia ser colocada nos mesmos termos, viáveis para a curiosidade do séc. XXI?

Por sua vez Osborne recorre à experiência da inglesa Victoria Wood numa tentativa semelhante de penetrar na essência do riso e dos estímulos que o produzem. Os traços essenciais que identifica em “The Ballad of Freda and Barry” – “Wood’s song raises questions about why conventional narratives of sexual desire do not take this form, and those questions are questions of class politics as well as of sexual politics” – clarificam a nova perspectiva, mais abrangente, em que ‘política’ é entendida. Segue depois uma estratégia mais focada e consistente numa produção aristofânica concreta, *Cavaleiros*, reconhecendo na paródia, seja o que for que ela possa sugerir sobre o pensamento do autor, a marca de convenções cômicas na forma de produzir uma leitura deformada do dia-a-dia político. A perspectiva afunila neste caso para um modelo concreto, talvez a peça que – em função da sua focagem sobre um acontecimento preciso com intervenientes bem identificados – exemplifica a sátira política em plenitude. Apesar de voltada para uma referência específica, uma verdade se patenteia: a de que a comédia se não confunde com um documento histórico e, portanto, na deformação está incluída a sensibilidade ou leitura subjetiva do poeta, a par da configuração imposta por uma tradição cômica consolidada. Não se trata propriamente, na opinião acertada de Osborne, de transpor para a cena uma figura real e criar dela uma réplica. Feita a pergunta sobre como é que um historiador lerá o testemunho da peça, a resposta seria desencorajadora. Não é assim para o estudioso do teatro, para quem *Cavaleiros*, mais do que a réplica de um caso preciso, é a caricatura de um paradigma de “demagogue-comedy” that he quickly complains that others copy, issues of political leadership and of the relationship between assembly and council on the one hand, and those who spoke there on the other, were massively topical in the mid-420s”.

Os capítulos 3-5 partilham, de certa forma, uma abordagem comum, todos eles focados no ataque pessoal. Trata-se, em todos estes capítulos, de identificar o alvo da invetiva e as estratégias do processo. Jeffrey Henderson, “Patterns of Avoidance and Indirection in Athenian Political Satire” e Isabel Ruffell, “Conservative and Radical: Aristophanic Comedy and Populist Debate in Democratic Athens” focam-se sobretudo na possível preferência de Aristófanes por alvejar uma determinada “classe” ou grupo social. Sugestiva é a perspectiva de Henderson de que uma espécie de etiqueta implícita, não propriamente estabelecida por lei mas assimilada por um certo *nomos*, protegesse determinadas franjas sociais, se não do ataque, pelo menos do ataque vigoroso. Desta forma se fundamenta a evidência de serem os demagogos e as massas populares o objeto central da paródia produzida num período bem determinado da política ateniense, aquela que surgiu após a morte de Péricles e acompanhou o trajeto de Cléon entre 426 e 422 a.C. Primeiro expressa sob a capa

de alegorias mitológicas – em que Cratino se mostrou particularmente hábil –, esta sátira tornou-se verdadeiramente vigorosa quando, a políticos de ascendência aristocrática, se sucedeu uma classe inusitada, a dos demagogos: “Here it was Aristophanes who took the lead among a talented new generation of poets all making their debuts at that time”.

Ruffell, por sua vez, procura adotar uma nova perspectiva em relação às que têm predominado em análises equivalentes, que enuncia com a fórmula seguinte: “Politics of Aristophanes are better understood through the prism of populism”. E por exemplos de populismo são de novo tomados os sucessores de Péricles na condução dos destinos de Atenas. Caracteriza-os a falsidade, a desinformação, veiculadas por uma retórica sensacionalista, dirigida às emoções e desprovida de qualquer racionalidade. Cléon volta a assumir, nesta reflexão, um papel central. A preferência de Aristófanes por qualquer uma das posições em confronto – a dos conservadores/aristocratas e a dos progressistas/demagogos ou, em termos anacrônicos, “direita” e “esquerda” – mostrou-se uma opção errada. Ruffell nega os pressupostos da comédia de que os novos demagogos constituem uma outra classe, de origem modesta e enriquecidos nos negócios, para lhe contrapor a ideia de que “Cleon and the other popular leaders were from wealthy backgrounds, even if not from the traditional aristocracy”. Com esta afirmação destrói uma eventual diferença de classes como o principal fator de contraste entre as duas gerações de políticos. É então, não *in status* social, ou até talvez nem mesmo na ideologia, mas sobretudo na estratégia – de que a grande diferença está no populismo – que o contraste se fundamenta.

Olimpia Imperio, “Aristophanes’ Political Comedies and (Bad?) Imitations”, dá, de certa forma, continuação à perspectiva desenvolvida por Jefferson, na medida em que, focando-se no que se poderia chamar “paródia dos demagogos”, estabelece um desenvolvimento diacrônico, a partir de Cratino, através das diversas fases na produção de Aristófanes, e evoluindo para comediógrafos para nós perdidos, como Êupolis, Hermipo, e Platão Cômico, num tempo em que o poeta de *Cavaleiros* e dos ataques a Cléon parecia abrandar no seu interesse por esta temática. Cobre assim os últimos 30 anos do séc. V a.C. e amplia o ângulo de visão, associando aos elementos convencionais do motivo a perspectiva idiossincrática de cada poeta, condicionada pelo seu gosto pessoal, pelo *fluir* histórico da cidade, e pelas próprias contingências do concurso dramático.

No cap. 6, “Politics in the Street: Some Citizen Encounters in Aristophanes”, Stephen Halliwell abre uma nova perspectiva para a sátira política em Aristófanes, na medida em que abandona a prioridade dada às figuras em evidência e às instituições e procura seguir as pequenas experiências políticas dos cidadãos comuns, o que o próprio Halliwell chama de “a series of miniatures” e justifica como “the micro- rather the macro-world of Athenian politics”. Esta interessante perspectiva passa o foco da atenção para os cidadãos comuns e para a sua forma de viver o cotidiano coletivo da cidade, ao mesmo tempo que as questões prioritárias se confinam ao regulamento dos pequenos negócios ou às controvérsias geradas por conflitos e injúrias entre particulares. São agora os *nomoi* ou, se quisermos, a gestão da etiqueta social em plena democracia, o que está em causa. Algumas cenas, analisadas de forma original, ilustram com eficácia esta proposta dentro dos critérios de base: “staging face-to-face dealings between non-elite citizens, taking place in non-institutional settings, and having at least some recognizable background affinity with types of encounters that might occur in the contemporary city”. E são elas: as questões das dívidas e o confronto com os credores, uma experiência vivida pelo Estrepsiades de *Nuvens*; o convívio social e as suas dificuldades, sofridas por Bdelicleon perante

as reclamações produzidas pelos desaforos do pai, que despreza a cortesia imposta pelas normas sociais e legais, em *Vespas*; e, por fim, a troca de opiniões entre vizinhos em relação às medidas tomadas pelo governo, como motivo de *Mulheres na Assembleia*.

Com as colaborações seguintes (Caps. 7-8), o progresso da reflexão num sentido mais social, voltado para o cidadão comum, aprofunda-se. Carina De Klerk, em “The Politics of Diversity: a Quantitative Analysis of Aristophanes”, assume um critério de reflexão muito particular, baseado em fatores quantitativos: a quantidade de versos ditos nas diversas peças pelas diferentes categorias de figuras de que a massa social se compõe, homens, mulheres, escravos, por exemplo, e o que isso significa para o maior ou menor predomínio de certos grupos e para a visão política do poeta. Relevante é a análise linguística que permite perceber as flutuações de género e *status* que, em alguns casos, se acumulam na mesma personagem (e.g., Cléon, o demagogo, na pele de um servo de Demos, em *Cavaleiros*, ou o clã feminino, a assumir as rédeas do governo, em *Mulheres na Assembleia*), com recurso àquilo que a autora chama “status markers”. Por comparação com proporção equivalente da tragédia, pode concluir por uma maior democraticidade na abordagem social de Aristófanes, mesmo se Eurípedes – de acordo com o que afirma em *Rãs* – pretender já ter dado alguns passos nesse sentido.

Nina Papathanasopoulou, em “Strong Household, Strong City: Spaces and Politics in Aristophanes’ *Acharnians*”, utiliza o exemplo concreto de uma peça – *Acarnenses* – para avaliar a interação inevitável entre *oikos* e *polis*. E curiosamente constrói sobre a trégua individual, que parecia criar afastamento, um canal de diálogo mais intenso entre Diceópolis e a cidade. De facto, a paz beneficia a possibilidade de um rústico, até então sobretudo um refugiado dentro das muralhas de Atenas, com o seu regresso ao modelo de vida anterior, ampliar uma interação com a vida coletiva e com as diversas instâncias da *polis*: “as he stages a private procession at a crowded public Rural Dionysia, makes a public speech about the war to the chorus of resisting Acharnians, establishes a market open to the rest of the world in front of his house, participates victoriously in the Athenian festival of the Cups (*Choes*), and brings home two prostitutes from the city for a private domestic symposium”.

Os cap. 9-10 são dedicados à sátira política em *Aves*. Edith Hall, em “Aristophanes’ *Birds* as Satire on Athenian Opportunists in Thrace”, desloca o foco de interesse para a Trácia, onde o oportunismo de alguns Atenienses encontrava um terreno fértil aos seus intentos: como refúgio de exilados, coudada de ambições políticas e território promissor de negócios lucrativos. As relações entretanto estabelecidas entre os dois territórios propiciaram o aparecimento do que Hall designa por “Thrace-loving Athenians”, uma espécie de colonialistas que, fora da sua cidade, se comportavam mais como membros de uma sociedade tirânica do que democrática. Se valorizado este outro mundo de atuação para os Atenienses – de que a peça parece prestar inúmeros testemunhos –, pode concluir-se: “The play emerges as a satire less on Athenian politics than on the murky doings of individual opportunistic Athenians on the make in the Thracian hinterland of their empire”. Além da focagem inovadora adotada, é sugestivo o conjunto de considerações iniciais que a autora, de acordo com o interesse que tem manifestado pelos estudos de receção, dedica à transmissão da comédia a partir do Renascimento e a algumas das questões centrais na discussão que tem suscitado.

Mario Telò, em “The Politics of Dissensus in Aristophanes’ *Birds*”, fundamenta a sua reflexão nos conceitos de *consensus* e *dissensus*, como ponto de partida para o que chama “the paradox of democracy”: “This phrase expresses the unresolvable contradiction between democracy as a dynamic,

almost anarchic, principle of constant openness to the other and democracy as a form of government, which as such entails unifying people through constraint, conformity, and the incorporation of the outside within the inside”. *Aves* são a peça usada para testar as consequências paradoxais desta tensão. Apesar de este paradoxo ser naturalmente observado por Aristófanes como cidadão da cidade democrática, a reflexão não privilegia esta perspectiva, mas sim um processo intrínseco à própria ideia de democracia praticada em qualquer lugar, de que a galáxia dos alados pode servir de paradigma.

Por fim, Deborah Steiner, em “Inscribing Athenians: the Alphabetic Chorus in Aristophanes’ *Babylonians* and the Politics and Aesthetics of Inscription and Conscriptio in Fifth-Century Athens”, enfrenta a sempre delicada tarefa de interpretar uma peça fragmentária. A própria designação do coro da peça aponta para um grupo estranho ao corpo social ateniense, talvez formado por escravos ao serviço, como remadores, da armada de Atenas. Independentemente das diferentes especulações sobre a construção e o sentido da peça, difíceis de estabelecer com o mínimo de segurança dada a modéstia dos fragmentos conservados, Deborah Steiner propõe uma abordagem particularmente original, baseada nestas poucas palavras do fr. 71 K.-A., de alguém saudando a entrada do coro e captando dele uma primeira imagem – “It’s the demos of the Samians; how multi-lettered” –, e no testemunho de um escoliasta: “the speaker is astonished and perplexed by the advent of the chorus emerging from a mill, whose members were seemingly marked with the twenty-four letters of the Ionic alphabet”. A partir destes elementos, a estudiosa explora a possível controvérsia gerada pelo processo de alteração da velha escrita ática para o alfabeto iónico, com os seus 24 caracteres, que poderia constituir um aspeto sugestivo de crítica direta a um processo então em curso e originador de alguma controvérsia; e articula esta questão com a utilização “burocrática” das duas versões de escrita. Não menos sugestivo é o encadeamento deste motivo com o inventário feito a propósito da utilização da armada ateniense (um elemento de grande alcance político na vida da cidade), sob diversas perspectivas, no teatro trágico e cómico, sujeita ao próprio fluir dos acontecimentos.

No seu todo, há que louvar a coerência do volume e a articulação entre as diversas contribuições, suscitando por vezes interessantes – e como que involuntárias – divergências, internas ao próprio conjunto. Além disso, algumas das colaborações apostam manifestamente em perspectivas e interpretações inovadoras sobretudo quando estão em causa peças concretas. A leitura deste estudo criativo e inovador sobre uma matéria que necessita, em função da própria evolução da experiência social humana, de uma constante revisão, é certamente da maior valia para todos os que se rendem ao encanto das comédias de Aristófanes.

**Maria de Fátima Silva**

*Universidade de Coimbra*



**CADMO**

**REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA**

JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief

Nuno Simões Rodrigues

## OBJECTIVOS E ÂMBITO

### AIMS AND SCOPE

A *Cadmo – Revista de História Antiga* publica anualmente estudos originais e ensaios relevantes de “estado da arte” em História Antiga e de culturas da Antiguidade. Além disso, tem como objectivo promover debates e discussões sobre uma ampla variedade de temas relacionados com a História Antiga, e aceita propostas relacionadas com o mundo do Próximo-Oriente Antigo (Egipto, Mesopotâmia, Pérsia, corredor Siro-Palestinense, Mundo Bíblico e e Anatólia) e com o Mundo Clássico (Grécia, Roma e Mediterrâneo Antigo, incluindo a Antiguidade Tardia). São ainda considerados estudos sobre a recepção da Antiguidade e dos seus legados, historiografia e investigações com enfoque em outras sociedades antigas (como as culturas indianas, extremo-asiáticas e mesoamericanas). A *Cadmo – Revista de História Antiga* não considera o conceito de “Antiguidade” como exclusivo da civilização ocidental, mas uma construção historiográfica essencial para a compreensão da História Global. Recensões críticas de obras recentes serão também consideradas para publicação, bem como propostas de dossiers temáticos a publicar em números regulares da revista ou números temáticos a publicar em suplemento.

*Cadmo – Journal for Ancient History* yearly publishes original and peer-reviewed studies and findings, as well as relevant “state of the art” review essays, on Ancient History and the study of Ancient cultures. It aims to promote debate and discussion on a wide variety of subjects and welcomes contributions related to the Ancient Near-Eastern World (Egypt, Mesopotamia, Persia, Syro-Palestine area and Anatolia) and to the Classical World (Greece, Rome and the Ancient Mediterranean, including Late Antiquity). Studies on the reception of Antiquity and its cultural productions, historiography of the Ancient World, as well as submissions focusing on other Ancient societies (such as the Indian, Asian or Mesoamerican cultures) are also accepted. This journal does not consider the concept of Antiquity to be a notion restricted to western civilisation and its heritage, but an essential historiographic construct for our understanding of Global History. Reviews of recently published works on the aforementioned subjects are also welcome, as well as proposals for thematic dossiers to be published in regular issues or of thematic issues to be published as a supplement.

CH  
-UL

CENTRO DE  
HISTÓRIA  
UNIVERSIDADE  
DE LISBOA